



Evento	Salão UFRGS 2014: SIC - XXVI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2014
Local	Porto Alegre
Título	"É comigo mesmo": história oral da atuação de mulheres no Movimento Estudantil (1964-1968)
Autor	ISADORA RITTERBUSCH LIBRENZA
Orientador	VANDERLEI MACHADO

O presente trabalho busca historicizar a atuação das mulheres no Movimento Estudantil durante a ditadura civil-militar brasileira, notadamente no período compreendido entre 1964 e 1968. Este estudo se insere no projeto de pesquisa intitulado “A história das mulheres que os livros didáticos não contam: as lutas femininas contra a ditadura militar no Brasil”, realizado no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Neste estudo busca-se historicizar a atuação das mulheres na resistência à ditadura. A análise do material didático demonstrou a inexistência de referências à atuação feminina na luta armada e no Movimento Estudantil. Num levantamento bibliográfico por nós realizado encontramos vários trabalhos que abordam a participação de mulheres na luta armada, sua prisão, tortura e, em alguns casos, desaparecimento. Porém, poucos trabalhos discorrem sobre a participação feminina no Movimento Estudantil. Diante de tal constatação, realizamos um levantamento de reportagens publicadas no jornal Correio do Povo buscando perceber como este veículo de comunicação, que apoiou o golpe de 1964, descreveu as manifestações estudantis ocorridas no período em estudo. Nas matérias publicadas pelo jornal não se mencionava a participação feminina naqueles eventos. Sendo assim, buscamos conhecer como se deu a participação das mulheres no Movimento Estudantil a partir de entrevistas de História Oral.

Foram lidas e fichadas cerca de 30 entrevistas realizadas pelo Projeto Marcas da Memória, todas de mulheres que, de algum modo, atuaram na resistência à ditadura civil-militar. Para que o trabalho fosse realizado de forma mais proveitosa, elaboramos uma ficha de leitura na qual foram contemplados os diversos temas que são interessantes à nossa pesquisa, tais como a forma como a repressão agia sobre as mulheres, a maneira como se organizavam os estudantes - tentando observar as relações de gênero que permeavam tal organização-, além de questões familiares e de representação do corpo feminino. Buscamos, portanto, através das memórias das militantes, identificar as funções atribuídas às mulheres no Movimento Estudantil, bem como as relações de gênero que nele se estabeleceram no período entre 1964 e 1968.

Como resultados parciais obtidos, podemos destacar que do total de entrevistadas, 56,25% militaram no Movimento Estudantil – principalmente universitário, mas também secundarista ou em ambos – demonstrando que este foi, de fato, uma importante porta de entrada das mulheres na atuação política na década de 1960. Constatamos também que boa parte destas militantes era oriunda de famílias de classe média nas quais a educação escolar e os estudos em geral era incentivada. Evidenciou-se ainda que a atuação das entrevistadas se dava em manifestações de rua, greves estudantis, elaboração e distribuição de panfletos, pichações, entre outras atividades. Outro dado levantado a partir das entrevistas aponta que a grande maioria das entrevistadas que militaram no Movimento Estudantil no período entre 1964 e 1968 foram presas pela repressão posteriormente. Esta informação demonstra que a atuação das militantes raramente se esgotou no Movimento Estudantil, uma vez que este foi praticamente totalmente desarticulado com a prisão de mais de 800 líderes estudantis no congresso clandestino realizado pela União Nacional de Estudantes no final de 1968, em Ibiuna, interior de São Paulo.